
O Fascínio do Fascismo e as Seduções do Autoritarismo nos Filmes “A Onda” (2008) e “Detenção” (2010)

Danilo Linard¹

Resumo: As fronteiras entre política, radicalismo e violência sempre foram bastante tênues. Essas noções, para algumas pessoas ou grupos políticos, chegam mesmo a se confundir. Em vista disso, nosso esforço objetiva colocar em discussão como as narrativas apresentadas nos filmes “A Onda” e “Detenção” nos ajudam a compreender com mais clareza a emergência e a aceitação de práticas marcadamente autoritárias e radicais semelhantes aos pressupostos e condutas do fascismo, que já foram (e, de certo modo, ainda são) defendidas como comportamento e postura política legítimas. Nessa compreensão, analisaremos algumas das discussões presentes nesses filmes, tais como as ideias de “ordem”, “autoridade” e “disciplina”, sempre procurando estabelecer um contraponto com algumas definições sobre o autoritarismo e sobre os tipos de fascismo, geradas no campo da ciência política e da história, diálogo esse que conta, como pano de fundo, com a noção de Personalidade Autoritária sugerida por Theodor Adorno e outros pensadores da Escola de Frankfurt.

Palavras-Chave: Filmes. Personalidade Autoritária. Fascismo.

The Fascination of the Fascism and the Seductions of the Authoritarianism in the Movies “Die Welle” (2008) and “The Experiment” (2010)

Abstract: The boundaries between politics, radicalism and violence always have been quite tenuous. These notions, for some people or political groups, can even get confused. On face of it, our effort aims to put in discussion how the narratives presented in the films "Die Welle" and "The Experiment" help us to understand more clearly the emergence and acceptance of markedly authoritarian practices and radicals similar to the assumptions and behaviors of fascism, that already were (and, to some extent, still are) defended as legitimate political behavior. In this understanding, we analyze some of these discussions in these films, such as the ideas of "order", "authority" and "discipline", always seeking to establish a counterpoint to some definitions of authoritarianism and on the types of fascism, generated in the political science field and history, such dialogue that counts, as a backdrop, with the Authoritarian Personality notion suggested by Theodor Adorno and other thinkers of the Frankfurt School.

Keywords: Movies. Authoritarian Personality. Fascism.

Introdução

A existência do autoritarismo e de certas tendências/disposições antidemocráticas, em alguns posicionamentos políticos, deixou marcas indeléveis em nossa história. Em face disso, nos sentimos provocados a (re)pensar a complexa relação entre os regimes políticos

¹ Doutorando em História Social pelo PPGH da Universidade Federal do Ceará (UFC) e Mestre em História pelo PPGH da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: danilo.linard@bol.com.br.

com tais características e os setores da sociedade civil que lhes deram suporte. Mais especificamente, voltamos nossos olhos para determinadas posturas e comportamentos inspirados/próximos às experiências históricas do fascismo alemão e italiano. Ainda com o intuito de compreender melhor a relação indicada acima, tentamos estabelecer, também, um diálogo com a noção de Personalidade Autoritária, elaborada por Theodor W. Adorno e um conjunto de colaboradores. Entre os anos 1930-1950, foram desenvolvidos estudos seminais que procuravam analisar a personalidade de tipo “autoritário”. Algumas dessas pesquisas, por exemplo, foram realizadas por autores como Sigmund Freud, Erich Fromm, Max Horkheimer e Adorno, estes últimos pesquisadores associados à chamada Escola de Frankfurt.

Para efeito de discussão, tentamos estabelecer um contraponto entre algumas observações acerca desses estudos sobre a Personalidade Autoritária e/ou sobre experiências políticas marcadas pelo fascismo/autoritarismo e a análise das narrativas presentes nos filmes “A Onda” (*Die Welle*), de 2008, e “Detenção” (*The Experiment*), de 2010, que abordam a organização e a emergência de grupos/práticas autoritárias e semelhantes ao fascismo.

Em nossa primeira seção, intitulada “**Elementos Estéticos do Fascismo no Filme “A Onda” (Die Welle/2008)**”, procuramos discutir como é representada a constituição de um grupo de tipo autoritário/fascista quando um professor, ao ministrar um curso sobre autocracia, decide realizar uma espécie de experimento com sua turma, mostrando como os princípios mais básicos e essenciais de regimes sustentados pelo autoritarismo e pelo fascismo podiam ser aceitos, quase que tacitamente, pela maioria das pessoas.

Na segunda seção de nosso trabalho, cujo título é “**As Seduções do Autoritarismo no Filme “Detenção” (The Experiment/2010)**”, analisamos essa narrativa cinematográfica que aborda um experimento comportamental que simula as condições de aprisionamento, no qual dois grupos deviam representar, respectivamente, o papel de “guardas” e de “prisioneiros”. Das tensões nascentes no decorrer do experimento, uma série de comportamentos agressivos e autoritários é desencadeada com a justificativa de defender conceitos e noções tais como “ordem”, “disciplina”, “autoridade”, “obediência” etc.

Esses filmes representam experiências históricas ligadas ao fascismo ítalo-germânico, como em “A Onda”, e práticas autoritárias, como em “Detenção”, traços esses compartilhados por regimes ditatoriais e/ou totalitários, em que pese as distinções entre autoritarismo, autocracia, fascismo e totalitarismo. Ao que parece, há uma zona de intercessão

constituída por indivíduos dotados com elementos de uma personalidade autoritária latente (ou fácil de ser “moldada”) e pela presença de ideologias/regimes autoritários. Assim, regimes autocráticos, fascistas, autoritários e totalitários encontram em indivíduos/grupos com certas predisposições psicológicas um “ambiente” fértil, uma plateia cativa e adeptos fervorosos. Tentamos formar uma observação crítica desse fenômeno e, ao tecermos nossas considerações finais, fizemos um breve balanço para avaliar os resultados obtidos nesse trabalho.

Elementos Estéticos do Fascismo no Filme “A Onda” (Die Welle/2008)

Ao nos debruçarmos sobre dois filmes, cremos não ser necessário retomar a discussão sobre a inclusão do cinema como fonte de pesquisa para o historiador. Tal debate já comporta, atualmente, vasta literatura e muitas são as pesquisas e artigos que exploram a relação entre história e cinema, constituindo um campo de estudos sólido e múltiplo em possibilidades. Contudo, não custa lembrar uma observação cara feita por Marc Ferro:

O filme, aqui, não está sendo considerado do ponto de vista semiológico. Também não se trata de estética ou de história do cinema. Ele está sendo observado não como uma obra de arte, mas sim como um produto, uma imagem-objeto, cujas significações não são somente cinematográficas. [...] E a crítica também não se limita ao filme, ela se integra ao mundo que o rodeia e com o qual se comunica (FERRO, 1992, p. 87).

Nesse sentido, um filme nos oferece uma leitura de certos aspectos do mundo, proporcionando a esse mesmo mundo (como espectador) uma visão de si mesmo, de alguns de seus elementos e dimensões. Não se trata, evidentemente, de um reflexo puro, “tal e qual”. Contudo, o que o cinema proporciona, além, é claro, de nos entreter, é uma oportunidade para (re)pensar nossas experiências, expectativas e medos.

O filme “A Onda” (*Die Welle*) é uma produção alemã de 2008, um *remake* de uma adaptação americana homônima, feita para TV em 1980. Ambas versões são uma releitura de um experimento social realizado, em 1967, na *Cubberley High School*, situada na cidade americana de Palo Alto, Califórnia, conduzido pelo professor Ron Jones (1941). Ao trabalhar em sala conteúdos relacionados ao Nazismo e o Holocausto na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), este professor decidiu formar, com seus alunos, um grupo/movimento denominado “*Third Wave*” (A Terceira Onda), visando mostrar como ocorre a aceitação/constituição de um grupo autoritário/fascista e seu perigo potencial.

No *remake* alemão vemos o personagem do carismático professor Rainer Wenger, que implementa esse experimento em sua sala de aula, durante uma semana de estudos

temáticos, interagindo com os personagens que representam alguns dos seus aluno(a)s: “Tim”, um jovem solitário e problemático; “Marco”, atleta, popular na turma, e sua namorada “Karo”; “Sinan”, um imigrante turco; “Bomber”, um *bully* que passa a fazer parte do movimento; “Kevin”, filho mimado de pais ricos; “Mona”, que junto com Karo, irá se opor ao movimento). Há, também, o personagem “Faust”, que não é aluno de Wenger, representando um punk adepto do anarquismo, os anarquistas sendo, no caso, o inimigo “simbólico” dos membros da turma e do movimento em sua fase de formação.

O professor Rainer Wenger iria ministrar um curso sobre anarquismo, mas, por um remanejamento interno da escola, acabou tendo que assumir o curso sobre “Autocracia”. No primeiro dia, os alunos se sentem incomodados, pois todos estão cientes do passado nazista da Alemanha, um dos primeiros exemplos dados, na aula, de um regime de tipo autocrático. Há uma resistência, por parte da turma, em discutir o tema. A personagem “Mona”, no entanto, em face da oposição de alguns alunos quanto à discussão, afirma:

[Mona]: – Cara, é um tema importante. [outro aluno diz:] – A Alemanha nazista foi uma merda. [Outro aluno diz ainda]: Aqui não vai mais acontecer. [Mona retruca]: – Ah, e os neonazis? [Outro aluno complementa]: Não podemos nos sentir culpados por coisas que não fizemos. [Mona, por fim, diz]: Não se trata de culpa [...] trata-se de termos uma certa responsabilidade por nossa história (A ONDA, 2008, 00:12:27 min).

O termo “autocrático”, como citado acima, figura, num contexto político moderno, como sinônimo para “ditadura” e, na antiguidade, para tirania. Assim, ditaduras, regimes fascistas e/ou totalitários, mesmo que diferentes entre si, são derivações de um regime “autocrático” que, em suas bases, é um governo autoritário. Por definição, vemos que:

Na tipologia dos sistemas políticos, são chamados de autoritários os regimes que privilegiam a autoridade governamental e diminuem de forma mais ou menos radical o consenso, concentrando o poder político nas mãos de uma só pessoa ou de um só órgão e colocando em posição secundária as instituições representativas (STOPPINO, 1998, p. 94).

As “autocracias” possuem o “autoritarismo” como base. Uma particularidade do que se entende por “autoritarismo” reside no fato de que “... do ponto de vista dos valores democráticos, o Autoritarismo é uma manifestação degenerativa da autoridade. Ela é uma imposição da obediência e prescinde em grande parte do consenso dos súditos, oprimindo sua liberdade” (STOPPINO, 1998, p. 94). Cabe ressaltar ainda que o “autoritarismo” não é privilégio/defeito de uma classe, ideologia ou grupo em particular. É possível existir tanto um tipo de autoritarismo “conservador”, de “direita”, visando a preservação de uma ordem já

estabelecida, tradicional, como um autoritarismo “transformador”, (pseudo)revolucionário, de “esquerda”, significando, então, tentativas de implantação (muitas vezes deturpada ou mal executada) de uma ordem vista como necessária ou inevitável, mas ainda não existente.

Desse modo, Mario Stoppino sugere a presença de três elementos atuando, ora isoladamente, ora em conjunto: as “ideologias autoritárias”, a “personalidade autoritária” e os “regimes e instituições autoritários”. Stoppino comenta: “Razoavelmente, pode supor-se que exista uma certa congruência entre eles. Uma personalidade autoritária, por exemplo, sentir-se-á provavelmente à vontade numa estrutura de poder autoritária e achará provavelmente genial uma ideologia autoritária” (STOPPINO, 1998, p. 95). Indivíduos mais afeitos ao autoritarismo sentir-se-ão mais representados por uma ideologia autoritária que justifique seus atos e expectativas, assim como, por um regime (ou instituição) autoritário que condicionará/estimulará o desenvolvimento dessa personalidade, justificada pela ideologia. O indivíduo autoritário tudo pode, pois o regime/ideologia lhe fortalece.

No filme, o professor Rainer ouve seus alunos em sala e questiona: “É da opinião de que a ditadura na Alemanha não seria mais possível, sim? [Um aluno responde]: De jeito algum, isso já resolvemos” (A ONDA, 2008, 00:13:00 min). Após breve intervalo e diante dos debates suscitados, o professor Wenger decide iniciar seu experimento. No decorrer da aula, ele pergunta qual seria o princípio de um regime autocrático e várias sugestões são dadas: “ideologia”, “controle”, “supervisão” etc. O personagem Tim sugere que o principal seria o “descontentamento”, sendo parabenizado por colaborar com seu comentário.

O professor Rainer aponta que toda autocracia possui uma “figura modelo” e propõe uma eleição para escolher quem iria representar, naquela semana, o papel de “chefe”. Rainer termina “eleito” pela maioria. Para manter a ordem e a disciplina, impõe que todos devem chamá-lo “Sr. Wenger” (A ONDA, 2008, 00:15:18 min) e que só podem falar, em pé e em postura ereta, após pedirem a palavra. Wenger, então, pede que todos levantem e que inspirem e expirem, solicitando a quem não obedecer que se retire da sala: “ou se enturma, ou vai embora”, afirmando que não obriga ninguém a fazer nada (A ONDA, 00:17:10 min). Ao fim do primeiro dia, indica que uma das bases da ditadura é “o poder pela disciplina”.

A ensaísta americana Susan Sontag (1933-2004), em sua obra “Sob o Signo de Saturno” (1986), tece importantes análises e reflexões sobre a estética fascista, capaz, segundo ela, de literalmente fascinar seus adeptos. Segundo Sontag (1986):

Estéticas fascistas [...] nascem de (e justificam) uma preocupação com situações de controle, de comportamento submisso, de esforço extravagante e de resistência à dor; elas endossam duas situações aparentemente opostas: a egomania e a servidão. As relações de dominação e de escravização tomam a forma de uma pompa característica: a manipulação de grupos de pessoas; a transformação de pessoas em coisas; a multiplicação ou reprodução das coisas; e o agrupamento de pessoas/coisas ao redor de uma força toda-poderosa e hipnótica ou de uma figura-líder (SONTAG, 1986, p.71).

Alguns estudos, a partir dos anos 1930, buscavam compreender como e por que determinados indivíduos ou grupos se mostravam mais afeitos aos padrões comportamentais autoritários. São lembrados os estudos de Erich Fromm (1900-1980), de Max Horkheimer (1895-1973), de Wilhelm Reich (1897-1960) e de Sigmund Freud (1856-1939). Pode-se citar, ainda, teorias como o “Behaviorismo” (GOMIDE; MACIEL, 2015).

Stéphane Haber rubrica as pesquisas de Fromm, de Freud e de Horkheimer como pioneiras no estudo do que se pode chamar de “caractereologia” ou caráter “autoritário” (HABER, 2014, p. 339). Para Haber, há uma limitação nos estudos de Fromm, qual seja, associar posturas/práticas autoritárias aos estratos dominantes, ao passo que as classes trabalhadoras seriam mais progressistas. “O peso do postulado de uma divisão política entre uma direita tendencialmente repressiva, prisioneira da ideologia, e uma esquerda de vocação revolucionária e portadora da lucidez histórica [...] não resistiu à prova da verificação” (HABER, 2014, p. 342). Pesquisas empíricas revelaram que membros das classes dominadas também expressavam posturas afinadas com práticas autoritárias.

É certo que os grupos sociais dominantes (quaisquer que sejam), vendo seu *status* ameaçado, poderão adotar posturas autoritárias, o deve ser sempre indicado por estudos empíricos e evidências, não *a priori*. Haber afirma que a superação da simples ancoragem da atitude ou caráter autoritário numa classe/camada social específica veio com Horkheimer:

[...] ao contrário de Fromm [...] Horkheimer destaca que essa atitude não é um fenômeno patológico contingente que diria respeito apenas a certas camadas da população objetivamente atrasadas em relação ao movimento progressivo da história universal. Um retorno a Freud permite compreender que a fascinação pela autoridade constitui um fenômeno universal, porque está enraizado na própria educação; com efeito, parece inevitável que o estado de dependência, de obediência e de adaptação passiva que caracteriza a infância se constitua no indivíduo enquanto um *habitus* estável e enquanto uma visão de mundo social, que não deva se surpreender que possa ser reativado em períodos críticos e de ansiedade, muito embora se trate de um fenômeno modelável historicamente (HABER, 2014, p. 344).

Fomentando uma aproximação entre sociologia e psicologia/psicanálise, aqueles estudiosos supracitados enxergam com mais clareza que as atitudes de caráter autoritário

podem acompanhar a formação da personalidade dos indivíduos desde à infância e que determinados elementos podem ser “reativados” na vida adulta e no mundo sociopolítico, seja pela ocorrência de circunstâncias de crise, ansiedade e descontentamento, seja pela “modelagem” desse caráter, pelo seu estímulo ou reforço, como fazem, por exemplo, as ideologias autoritárias que justificam a vazão de atos e comportamentos também autoritários.

No filme, no segundo dia do experimento, Wenger espanta-se com a naturalidade dos alunos ao adotarem o papel de “subordinados” e propõe novo exercício: todos, de pé, deviam movimentar-se em ritmo compassado, até toda a turma estar marchando. Wenger os estimula: “esquerda!, direita!, esquerda!, direita! Sentem isso? Como todos nós ficamos juntos?! É o Poder da Comunidade!” (A ONDA, 2008, 00:27:00 min). Alguns alunos “sentem” a sensação de “unidade” que a marcha impõe mais do que outros. Wenger diz: “Sob nós está o curso de Anarquia do Weiland! E quero que [com a vibração da marcha] o plástico do teto caia sobre nosso inimigo!” (A ONDA, 2008, 00:28:40 min).

Para reforçar a ideia de “poder pela comunidade”, Wenger reorganiza a sala, aproximando os alunos independente de vínculos subjetivos/amorosos. Ao fim do dia, ele sugere a necessidade de algo que identificasse a turma. O uso de “uniformes” é mal visto, sobretudo por Mona, porque lembrariam os nazifascistas e por anularem a individualidade. Como observou Susan Sontag, parte da “mística” que envolvia os adeptos do nazifascismo, tanto quanto os ideais compartilhados, era o elemento estético:

Os uniformes da SS [tropa de elite nazista] eram elegantes, bem cortados, com um toque (porém não excessivo) de excentricidade. Compare com os relativamente tediosos e não muito bem cortados uniformes do exército americano [...] essencialmente civis. Os uniformes da SS eram justos, pesados, rijos, e incluíam luvas para confinar as mãos e botas que faziam as pernas e pés parecerem pesados, encerrados, obrigando o portador a ficar ereto. [...] a SS foi a encarnação ideal da afirmação pública do fascismo, da justiça da violência, do direito de ter poder total sobre outros e de tratá-los como absolutamente inferiores (SONTAG, 1986, p. 78-77).

A maioria escolhe camisas de cor branca como “uniformes”. A personagem Karo, ao recusar usar a camisa branca, é criticada por seu namorado, Marco. Ela se torna “a minoria” na sala. No terceiro dia de curso, a sala está lotada, inclusive com outros alunos desejando participar. Já Mona é a primeira a abandonar o curso de Wenger, por não concordar com o andamento das aulas. Nesse dia, o aluno Dennis propõe a escolha de um nome para o grupo/movimento: as primeiras sugestões são “esquadrão do terror”, por brincadeira, “Clube

dos Visionários”, “A Onda” (sugerido por Marco), “O Pacto”, “A Base”, “O Gigante Branco”. Karo tenta sugerir um nome, mas por não estar com a camisa branca é ouvida por último. Após votação, a maioria escolhe “A Onda”. Por fim, Wenger diz que o passo seguinte é o do “Poder pela Ação” (A ONDA, 2008, 00:38:33 min), sugerindo a criação de um logo (uma Onda é o símbolo escolhido), os alunos propondo também a criação de sites, de botões de lapela, entre outras coisas que mobilizassem todos os membros do grupo.

Conforme Robert Paxton, o fascismo, tanto nos casos italiano e alemão, como para além deles, apresentaria características volúveis, contraditórias, que dificultam sua compreensão e que, ora constituem-se em bloco, ora configuram-se em várias combinações possíveis. Vejamos quais seriam algumas das paixões mobilizadoras do fascismo:

[a] Um senso de crise catastrófica, além do alcance das soluções tradicionais; [b] A primazia do grupo, perante o qual todos têm deveres superiores a qualquer direito, sejam eles individuais ou universais, e a subordinação do indivíduo a esses deveres; [c] A crença de que o próprio grupo é vítima, [o que] justifica qualquer ação, sem limites jurídicos ou morais, contra seus inimigos, tanto internos quanto externos; [d] O pavor à decadência do grupo sob a influência corrosiva do liberalismo individualista, dos conflitos de classe e das influências estrangeiras; [e] A necessidade de uma integração [...] no interior de uma comunidade mais pura, por consentimento, se possível, pela violência excludente, se necessário; [f] A necessidade da autoridade de chefes naturais (sempre do sexo masculino), [de um] comandante nacional, o único capaz de encarnar o destino histórico do grupo; [g] A superioridade dos instintos do líder sobre a razão abstrata e universal; [h] A beleza da violência e a eficácia da vontade, [...] voltadas para o êxito do grupo; [i] O direito do povo eleito de dominar os demais, sem restrições [...] de qualquer tipo de lei humana ou divina, o direito sendo decidido por meio do critério único das proezas do grupo no interior de uma luta darwiniana (PAXTON, 2007, p. 359).

O roteiro do filme preocupa-se em mostrar os descontentamentos e frustrações cotidianos dos alunos: alguns têm problemas com os pais, amores frustrados ou não correspondidos, além de problemas financeiros. Os membros do “A Onda” passam a usar as camisas brancas mesmo quando não há aula, atraindo a atenção até de quem não é aluno. Tim, que vendia pequenas porções de droga, se nega a vender para dois punks, pois eles eram “anarquistas”, o inimigo “simbólico” do grupo. Ao ser hostilizado pelos punks, é socorrido por outros alunos da turma que o reconhecem por conta da camisa branca. Após empurrões mútuos os punks os chamam de “fascistas” (A ONDA, 2008, 00:40:20 min).

A polissemia do conceito nos faz lembrar que o fascismo nasceu após os horrores da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), da descrença no modelo democrático liberal, do medo do comunismo e nas nações “derrotadas” no conflito, Alemanha e Itália. Um “novo homem” e uma “nova” política eram idealizados. Para Edda Saccomani (1998):

[...] [o fascismo seria] um sistema autoritário [caracterizado]: pela monopolização política por parte de um partido único de massa [...]; por uma ideologia fundada no culto ao chefe, na exaltação da coletividade nacional, no desprezo aos valores do individualismo liberal e no ideal de colaboração de classes, em oposição frontal ao socialismo e ao comunismo, dentro de um sistema de tipo corporativo; [...] pelo aniquilamento das oposições mediante terror; por um aparelho de propaganda baseado no controle das informações e dos meios de comunicação de massa; por um [...] dirigismo estatal [numa] economia que continua a ser, fundamentalmente, de tipo privado, pela tentativa de integrar nas estruturas de controle do partido ou do Estado, [...] a totalidade das relações econômicas, sociais, políticas e culturais (SACCOMANI, 1998, p. 466).

Outro traço marcante do fascismo é que tais movimentos foram, após tentativas de golpe fracassadas, conduzidos ao poder legalmente, por eleição/plebiscito, no caso dos nazistas, como observou Alcir Lenharo (2003) ou, no caso italiano, por nomeação, pelo Rei Vitor Emanuel (1861-1947), de Benito Mussolini (1883-1945), que ocupou o cargo de Primeiro-Ministro da Itália de 1922 até 1943.

As ditaduras modernas, enquanto autocracias, apesar de possuírem/adquirirem traços semelhantes ao fascismo, são diferentes dele: elas quebram/subvertem a norma eleitoral democrática vigente, seja para permanecer no poder, seja para alcançá-lo, derrubando um governo constituído legalmente. Mesmo compartilhando a nomenclatura, as ditaduras modernas distinguem-se, ainda, da “ditadura romana” (STOPPINO, 1998), magistratura incluída na estrutura política de Roma, com prerrogativas e limites “constitucionais”. O surgimento de uma “ditadura”, após uma “revolução”, obedece outra lógica:

Na “Ditadura revolucionária”, portanto, o poder ditatorial não é apenas um poder concentrado e absoluto, tal como ocorre tanto na Ditadura romana como na moderna; ela, além disso, se instaura de fato e não suporta limites preestabelecidos, como só acontece na Ditadura moderna. Acrescente-se que a “Ditadura revolucionária” prenuncia outra característica possível da Ditadura moderna: o poder não estava nas mãos de um só homem (o ditador), podia também estar nas mãos de um grupo (uma convenção, uma assembleia, um partido revolucionário) (STOPPINO, 1998, p. 370).

Nessa compreensão, a “ditadura moderna” é um regime autocrático e autoritário, que quebra/subverte uma dada ordem constitucional/institucional democrática. A “ditadura romana”, ao contrário, integrava a política de Roma e possuía certos limites. A “ditadura revolucionária”, além do que foi indicado acima, visava à substituição de uma “ordem antiga” por uma “nova ordem”, mesmo podendo alcançar o polo do totalitarismo. Este fenômeno já foi abordado por vários estudos, um dos principais sendo o de Hannah Arendt (1989) que diz:

Os movimentos totalitários são possíveis onde quer que existam massas que, por um motivo ou outro, desenvolveram certo gosto pela organização política. [...] Potencialmente, as massas existem em qualquer país e constituem a maioria das

pessoas neutras e politicamente indiferentes, que nunca se filiam a um partido e raramente exercem poder de voto. [...] Contudo, onde o governo totalitário não é preparado [previamente, como na Alemanha Nazista, cuja lealdade foi exigida antes mesmo de se alcançar o poder], tem de ser organizado depois e as condições para o seu crescimento têm de ser artificialmente criadas de modo a possibilitar a lealdade total que é a base psicológica do domínio total. Não se pode esperar essa lealdade a não ser de seres humanos completamente isolados que, desprovidos de outros laços sociais – de família, amizade, camaradagem – só adquirem o sentido de terem lugar neste mundo quando participam de um movimento, pertencem ao partido (ARENDR, 1989, p. 361-373).

Numa articulação com a trama do filme, vemos que os descontentamentos de cada aluno de Wenger eram paralelos ao prazer de participar do “A Onda”: encontravam nele um acolhimento ausente (ou enfraquecido) em suas vidas particulares. As afinidades criadas a partir do grupo foram transpostas para fora da sala de aula. Os mais integrados ao movimento sentiam-se mais fortes, os menos integrados sentiam-se mais fracos, excluídos.

Pode-se dizer, grosso modo, que o fascismo seria um fenômeno político autoritário que, normalmente, utiliza-se de meios democráticos ou legais para legitimar-se no poder, posteriormente subvertendo/anulando o ambiente democrático de que se valeu, contando com o apoio da massa para isso, visando manter/ampliar o poder adquirido. Sua conversão num regime totalitário é provável; contudo, nem todo regime totalitário foi, em sua origem, um regime fascista. Robert Paxton (2002, p. 13) assevera ainda que “O fascismo foi a grande inovação política do século XX, e também a origem de boa parte de seus sofrimentos”.

Outra tentativa de compreensão do fenômeno do fascismo reside no conjunto de pesquisas sintetizadas em “A Personalidade Autoritária” (1965), marcada por um esforço de pesquisa colaborativo e interdisciplinar. Após o Holocausto e, em certo sentido, apoiado pelo *American Jewish Committee's*, um grupo de pesquisadores (Theodor Adorno, Else Frenkel-Brunswik, Daniel Levinson, R. Nevitt Sanford, entre outros) reuniram-se na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Lá, estabeleceram critérios de análise, formularam escalas e questionários que foram aplicados à grupos de voluntários. Curiosamente, alguns dos resultados poderiam, inclusive, identificar traços “fascistas” em posturas judaicas mais tradicionalistas e/ou conservadoras. No prefácio, escrito por Max Horkheimer, lemos:

Este livro trata sobre a discriminação social. Seu propósito, contudo, não é o de adicionar simplesmente novas descobertas empíricas a conhecimentos assaz amplos. O tema central da obra é um conceito relativamente novo: a aparição de uma espécie “antropológica” que denominamos o tipo humano autoritário. À diferença do fanático de outrora, [este tipo autoritário] parece combinar as ideias e a experiência típicas de uma sociedade sobremaneira industrializada com certas crenças irracionais ou antirracionais. É, ao mesmo tempo, um ser ilustrado e supersticioso, orgulhoso de

seu individualismo e constantemente temeroso de ser diferente dos demais, zeloso de sua independência e inclinado à submeter-se cegamente ao poder e à autoridade. A estrutura de caráter que compreende estas tendências opostas tem atraído a atenção de filósofos e pensadores políticos modernos. Este livro encara o problema com os meios que nos brindam a investigação sociopsicológica (HORKHEIMER apud ADORNO et al., 1965, p. 19).

O livro organizado por Adorno é extenso e complexo. Os capítulos ou seções são divididos entre os colaboradores. Além da preparação e aplicação de questionários para voluntários, os autores indicam, também, a existência de entrevistas. Os dados obtidos foram sistematizados mediante análises estatísticas. Formularam-se “escalas” para traçar o perfil do indivíduo dotado de uma personalidade autoritária, potencialmente fascista. Ao invés de ancorar essa “personalidade” numa classe ou numa ideologia específica, os autores construíram quatro escalas básicas, baseando-se nas características mais aparentes expressas pelos indivíduos afeitos aos regimes autoritários e/ou fascistas: 1) uma escala Antissemita (AS); 2) uma escala etnocêntrica (E); 3) uma escala para medir o conservadorismo político e econômico (CPE); 4) uma escala fascista (F).

Tais escalas são constituídas por pressupostos intercambiáveis, implicando não numa definição rígida, mas num “espectro” variável. Esses “perfis” (ou seja, o antissemita, o etnocêntrico, o conservador político e econômico e o fascista), compartilhariam, em maior ou menor grau, algumas características em comum, ainda que cada perfil possa existir isoladamente.

Iray Carone ressalta a contribuição de Theodor Adorno no livro acima citado e sublinha que, para além dos estudos sobre o fascismo como uma política de “Estado”, esses estudos contribuíram na compreensão do que se poderia chamar de “mentalidade fascista” (CARONE, 2012, p. 14). Analisada mediante uma aliança entre sociologia e psicanálise/psicologia, vê-se que as características típicas dessa mentalidade, nos indivíduos, “[...] não são *inatas*, mas adquiridas durante seu processo de socialização: elas são *psicossociais*” (CARONE, 2012, p. 15, grifos do autora).

Por seu lado, Stéphane Haber considera que, apesar de alguns percalços, a pesquisa sobre o caráter autoritário apresentada nesse livro foi seminal: “Em resumo, *A Personalidade Autoritária* representa um momento feliz, um momento de equilíbrio, não apenas na história da relação entre análise empírica e interpretação filosófica da história, mas também na relação

entre psicanálise e sociologia” (HABER, 2014, p. 356). Existem, logicamente, outros caminhos interpretativos que podem superar possíveis falhas dessa teoria.

No filme “A Onda” é sublinhado o fascínio que o movimento exerce sobre os alunos e até mesmo sobre o professor. Kevin, filho de pais ricos, custeia a impressão de adesivos com a logo do “A Onda”, que são fixados em postes, vitrines e grafitados em muros da cidade, aumentando a “popularidade” do grupo. Os membros adotam uma lógica restritiva (“nós” e os “outros”), atacando quem critica o grupo, como Mona e Karo, que escreveram um texto contra “A Onda”. Na aula seguinte, mostram à Wenger um gesto com o braço direito que seria a “saudação” interna do grupo. Quando os membros do “A Onda” reencontram os punks anarquistas na rua, uma briga ocorre e só cessa quando Tim, o mais entusiasmado com o movimento, saca uma pistola e ameaça atirar (A ONDA, 2008, 00:58:50 min).

É precisamente o personagem Tim, a cada dia mais fascinado com o pertencimento ao movimento, que representa o perigo potencial desse tipo de agrupamento baseado em elementos estéticos fascistas. Ele chega a visitar a casa de Wenger para oferecer-se como seu “guarda-costas” (A ONDA, 2008, 01:02:10 min). Wenger espanta-se ao ver fotografias dos símbolos do “A Onda”, que haviam sido grafitados na cidade, na primeira página do jornal. Diante dos acontecimentos, Wenger pede, como penúltima tarefa durante a semana temática, que todos os alunos do curso sobre autocracia escrevam um relatório acerca da experiência de participarem do “A Onda”. A postura autoritária dos membros do grupo, em relação aos outros, vai se tornando cada vez mais espontânea e natural. Durante um jogo de polo aquático, parte da torcida, uniformizada com a cor branca do “A Onda”, briga nas arquibancadas do ginásio. Numa discussão, Marco agride fisicamente sua namorada, Karo.

Ao ler os relatórios de seus alunos e tomar conhecimento da agressão de Marco, Wenger toma consciência de que o envolvimento dos alunos com a atividade didática tinha ultrapassado os limites. Marca, então, uma reunião no auditório do colégio, solicitando a presença de todos os membros do “A Onda”. No dia e hora combinados, o local encontrava-se lotado, todos de branco, com faixas e bandeiras com o logo do grupo, alguns alunos representando o papel de “seguranças” na porta do auditório. Após Wenger fazer a saudação que haviam instituído, todos os alunos respondem com o mesmo gesto, mecanicamente.

Depois de ler frases encontradas nos relatórios produzidos pela turma, Wenger faz um discurso inflamado, entusiasmado, especulando sobre o poder do grupo e sobre tudo o que

poderiam conquistar com a expansão nacional do movimento: é aplaudido por todos, efusivamente. Marco levanta-se no meio do auditório e discorda veementemente do que estava acontecendo e de tudo que Wenger dizia (tudo indica que haviam combinado previamente essa discussão e o seu desdobramento seguinte).

Wenger então ordena: “Tragam-me o traidor aqui na frente! [referindo-se à Marco]” (A ONDA, 2008, 01:28:15 min). Dois alunos rapidamente obedecem, trazendo-o à força para o palco. Diante de Marco, Wenger pergunta à plateia: “O que devemos fazer com o traidor?” e exige que um dos alunos que segurava Marco respondesse. O aluno, atônito, não sabe o que dizer e, ao ser perguntado por que trouxe Marco à força até lá, afirma ter feito apenas o que Wenger havia ordenado, praticamente sem pensar. Nesse momento, Wenger revela o sentido do que estava acontecendo e do que todos estavam participando: um movimento (proto)fascista e autoritário. Alguns alunos, apesar disso, ainda desejavam a continuidade do movimento, tamanho era o fascínio que os envolvia. Para Susan Sontag:

[...] comumente se pensa que o nacional-socialismo representa somente a brutalidade e o terror. [...] O nacional-socialismo [como o fascismo] também representam [...] ideais que persistem ainda hoje, sob outras bandeiras: o ideal de vida como arte, o culto à beleza, o fetichismo da coragem, a dissolução da alienação em sentimentos extáticos de comunidade. O repúdio ao intelecto; a família do homem (sob a paternidade de líderes) (SONTAG, 1986, p. 75).

A defesa destes e de outros ideais, como esses citados acima, justificariam, na ótica fascista, sua conduta e seus atos contra os “inimigos”. Diante do fim do “A Onda”, Tim, desesperado, ameaça Wenger, atira num dos alunos e suicida-se. O grupo era tudo para ele. A morte desse aluno é uma licença poética do filme, pois isso não ocorreu na experiência original. Contudo, ocorreu, de fato, a sedução dos alunos, fascinados por alguns dos elementos da estética fascista (obediência cega, ordem, disciplina, (com)unidade, ação irrefletida etc.), conforme relatos de Ron Jones e de ex-alunos.

A finalidade, seja da experiência conduzida por Jones, seja da narrativa do filme, é discutir o que pode ocorrer (baseado na experiência histórica nazifascista), quando indivíduos (ou um grupo) potencialmente autoritários acham-se plenamente justificados (por princípios étnicos, religiosos ou políticos) e seduzidos pela estética “positiva” do fascismo: o resultado quase sempre é a degeneração da autoridade em autoritarismo, a associação acrítica do respeito ao temor e a transformação do debate político, argumentativo, propositivo, em

violência gratuita e agressões verbais, físicas ou psicológicas. Vejamos, por fim, como o “mal”, para Hannah Arendt, integra a experiência humana como uma potencialidade latente:

Faz parte da própria natureza das coisas humanas que cada ato cometido e registrado pela história da humanidade fique com a humanidade como uma potencialidade, muito depois de sua efetividade ter se tornado coisa do passado. Nenhum castigo jamais possuiu o poder suficiente para impedir a perpetração de crimes. Ao contrário, a despeito do castigo, uma vez que um crime específico apareceu pela primeira vez, sua reaparição é mais provável do que poderia ter sido a sua emergência inicial (ARENDR, 2011, p. 295-296).

Uma das peculiaridades da reflexão de Arendt, derivada de seu acompanhamento do julgamento, ocorrido em 1961, em Jerusalém, do criminoso nazista Adolf Eichmann (1906-1962), reside, precisamente, na percepção de que qualquer pessoa, até mesmo um sujeito comum, ordinário, pode vir a ser capaz de perpetrar os mais cruéis atos contra os outros sem realizar o menor exame de consciência. A prática do “mal” é exercida de modo banal, quase como um exercício burocrático. Em verdade, para aquele que ataca o “outro”, o “inimigo”, tudo não passa de obediência, pois visto que a ideologia autoritária, ao definir o “outro”, diferente de “nós”, como “inimigo”, o transforma em alvo “legítimo”. É nesse ponto preciso que obediência pode implicar na execução de centenas de milhares de pessoas.

As Seduções do Autoritarismo no Filme “Detenção” (The Experiment/2010)

O filme analisado nesta seção, que estreou em 2010, intitula-se “Detenção” (The Experiment) e também é um *remake* de uma produção alemã de 2001, chamada “Das Experiment”. Ambos são uma releitura de um experimento psicossocial/comportamental realizado pelo psicólogo e professor Philip Zimbardo, da *Stanford University*, nos dias 14-20/08 de 1971. Nessa experiência, que ficou conhecida como “*Stanford Prison Experiment*” (Experimento Prisional de Stanford, que ganhou versão cinematográfica em 2015 e também é tema do volumoso livro de Zimbardo, “O Efeito Lúcifer ou Como Pessoas Boas se Tornam Más”), dois grupos de pessoas (representando guardas e prisioneiros) foram confinados num dos espaços da universidade, objetivando-se observar como lidariam com a autoridade concedida. A narrativa apresentada no filme “Detenção” parte exatamente dessa premissa.

Em nossa leitura, é possível apontar uma articulação entre comportamentos autoritários e posturas (proto)fascistas. No livro “A Personalidade Autoritária”, é dito: “Nossa principal preocupação foi a de estudar o sujeito *potencialmente* fascista cuja estrutura é tal que o faz especialmente suscetível à propaganda antidemocrática (ADORNO et al., 1965, p. 29, tradução nossa). É certo que nem toda pessoa/grupo autoritário é fascista, mas todo

fascista é autoritário. Há zonas de contato entre esses fenômenos que permitem essa associação, ou seja, que sugerem uma predisposição do autoritarismo ao fascismo.

A trama do filme é a seguinte: após ser demitido, o personagem Travis, pacifista convicto e apaixonado por uma mulher que iria viajar para a Índia, decide participar de um experimento comportamental anunciado nos classificados de um jornal, visando obter dinheiro para viajar com ela. Os participantes receberiam mil dólares por dia, caso concluíssem o experimento que duraria exatas duas semanas. Ao encontrar, num tipo de escritório, os demais participantes que desejavam se inscrever, Travis conhece, num clima amistoso, o personagem Michael Barris, um homem negro, com pouco mais de 40 anos.

Um dos psicólogos/cientistas informa que o experimento simularia condições prisionais, uma das exigências sendo que ninguém tivesse cumprido pena antes. Informa ainda que durante o experimento haveria suspensão de direitos civis (DETENÇÃO, 2010, 00:09:10 min). Inicia-se uma série de entrevistas para traçar o perfil dos participantes, enfocando histórico de violência, visão religiosa etc. Travis informa não ser agressivo, além de não ser religioso, diferindo, nesse caso, de Barris. Outros revelam comportamentos sexuais meio compulsivos e uso de drogas. Os participantes são expostos a imagens de acidentes, violência (fuzilamentos, assassinatos, imagens do holocausto), de líderes fascistas/totalitários, dentre outras. Em *flashbacks*, vemos outros traços da personalidade de cada um, suas aspirações e frustrações. Por fim, um ônibus os leva para o local onde tudo ocorreria.

No primeiro dia, os grupos são divididos entre guardas e prisioneiros. As regras básicas dos guardas eram: 1) Os prisioneiros devem fazer 3 refeições por dia e toda comida servida deve ser consumida; 2) Deve haver 30 minutos de recreação diária; 3) Os prisioneiros devem ficar em sua própria área; 4) Os prisioneiros devem falar apenas quando permitido; 5) Os prisioneiros não devem jamais tocar nos guardas. Qualquer regra violada deve ser “*punida proporcionalmente*” em até 30 minutos após sua ocorrência. Caso não haja punição, se as regras não forem cumpridas, se houver desistência de alguém ou violência física, uma luz vermelha se acende, o experimento é encerrado e ninguém recebe pagamento. Nesse cenário, emergiu uma série de práticas autoritárias e (proto)fascistas.

Edda Saccomani rubrica a polissemia do conceito de fascismo, fenômeno normalmente estudado por duas abordagens: “singularizante” e “generalizante”. Em linhas gerais, “[...] o Fascismo, como evento histórico concreto, engloba-se numa fenomenologia

mais ampla, a do autoritarismo na sociedade moderna, apresentando-se como resultado de uma série assaz complexa de concatenações causais, umas remotas, outras mais próximas, investigadas em suas inter-relações específicas” (SACCOMANI, 1998, p. 467).

Robert Paxton, além de reafirmar a polissemia do conceito, associado a várias imagens/ideais, ressalta certa articulação entre autoritarismo e práticas fascistas, em que pese suas particularidades. É certo que há distinções, mas as áreas de contato entre autoritarismo e fascismo são fortes. Paxton cita ainda que “as ditaduras autoritárias governam por meio de forças conservadoras preexistentes (as igrejas, os exércitos, os interesses econômicos organizados) e buscam desmobilizar a opinião pública, ao passo que os fascistas governam por meio de um partido único e tentam gerar entusiasmo público” (PAXTON, 2007, p. 24).

No filme, os comportamentos autoritários não demoram a aflorar. Um dos personagens que ficou no grupo dos prisioneiros é homossexual e logo se torna alvo de hostilidades. Inicialmente, toda a situação é levada sem seriedade, mas a possibilidade do experimento ser encerrado sem que os pagamentos sejam feitos funciona como um tipo de estímulo/justificativa à emergência de posturas autoritárias por parte dos “guardas”.

Os prisioneiros passam a ser chamados pelos números em seus uniformes. As motivações dos personagens que representam os guardas são mostradas em *flashbacks*: o personagem Chase, que parece ter compulsões sexuais, deseja o prêmio para seduzir o máximo de mulheres possível. Já Barris, que mora com sua mãe, é constantemente humilhado por parte dela. O pagamento serviria para custear um tratamento médico que ela necessitava. Durante um jogo de basquete, na recreação, um prisioneiro atinge com a bola, com certa intenção, um guarda e a primeira “punição” ocorre: os prisioneiros são obrigados a fazer 10 flexões (DETENÇÃO, 2010, 00:25:40 min). Barris, ao controlar a situação, é meio que escolhido como líder: ele é seduzido pela sensação de autoridade, que logo degeneraria em autoritarismo. As ideologias autoritárias variam no tempo e no espaço, conforme nos mostra Mario Stoppino (1998), mas parecem possuir um fundo mais ou menos comum:

Geralmente, as doutrinas autoritárias, [...] são doutrinas anti-racionalistas e anti-igualitárias. Para elas, o ordenamento desejado pela sociedade não é uma organização hierárquica de funções criadas pela razão humana, mas uma organização de hierarquias naturais, sancionadas pela vontade de Deus e consolidadas pelo tempo e pela tradição ou impostas inequivocadamente pela sua própria força e energia interna. De costume, a ordem hierárquica a preservar é a do passado; ela se fundamenta na desigualdade natural entre os homens (STOPPINO, 1998, p. 96).

No filme, no segundo dia, durante a refeição, ocorre outro conflito. Travis reclama que a comida é ruim e joga tudo nas mãos de um “guarda”, os demais “prisoneiros” fazendo algo semelhante, meio que “brincando”. Os “guardas”, visando cumprir a regra, tentam obrigá-los a consumir tudo e encaram a situação de outro modo, pois há o receio de que o experimento e os pagamentos sejam cancelados. Como não podem utilizar violência física, Barris sugere o recurso à humilhação (DETENÇÃO, 2010, 00:34:30 min). Travis é algemado, como castigo, na grade externa da cela onde ficava. Após breve discurso, Barris é parabenizado pelos outros “guardas” por instaurar a “ordem” e fica tão entusiasmado pela sensação de poder e autoridade que fica sexualmente excitado. Stéphane Haber observa que:

[...] Horkheimer parece sugerir que, [...] o indivíduo, confrontado com a realidade social reificada e opaca, que lhe escapa e prejudica objetivamente e lhe submete a frustrações repetidas, só pode sentir impotência e humilhação. [...] Em suma, a humilhação é sempre suscetível de se converter em fantasmas paranóicos, em agressividade reativa e em identificações valorizantes compensadoras; e é a realização dessa possibilidade que abre as portas para condutas autoritárias (HABER, 2014, p. 347).

A abordagem/análise “singularizante” das experiências fascistas, citada anteriormente, enfoca mais o caso italiano e alemão. Em ambos, existiram características extremamente particulares que tornaram possível a existência do fascismo como política de Estado. Investiga-se, p.ex., os modos pelos quais o regime fascista recebeu respaldo da elite e da sociedade civil, já que nenhuma forma de governo é totalmente “exterior” aos setores sociais que, em tese, representa. Também é foco de análise a repressão dos setores sociais discordantes em relação ao regime. O direito de crítica/libre expressão torna-se limitado ou inexistente, pois as regras do jogo político democrático são alteradas ou suspensas, tornando o regime fascista praticamente irresistível. Sobre os regimes autoritários, Stoppino diz que:

[Haveriam 2 perfis comuns aos regimes autoritários, o primeiro sendo caracterizado] pela ausência de Parlamento e de eleições populares, ou, quando tais instituições existem, pelo seu caráter meramente cerimonial, e ainda pelo indiscutível predomínio do poder executivo. [O segundo perfil é] a ausência da liberdade dos subsistemas, tanto no aspecto real como no aspecto formal, típica da democracia. A oposição política é suprimida ou obstruída. O pluralismo partidário é proibido ou reduzido a um simulacro sem incidência real. A autonomia dos grupos politicamente relevantes é destruída ou tolerada enquanto não perturba a posição de poder do chefe ou da elite governante (STOPPINO, 1998, p. 100).

As vozes contrárias são sufocadas, seja pela elite dirigente ou pela sociedade civil, que se acham representadas pelo regime. O “chefe” deve ser obedecido e dele não se pode discordar. Ele é “cultuado” como um tipo de “mito”, sendo o “culto” à personalidade do chefe

típico de regimes fascistas e totalitários. Barris, humilhado e frustrado em sua vida doméstica, fica cada vez mais fascinado com a posição de autoridade que ocupa, meio que liderando o grupo dos “guardas”. Um dos “prisioneiros”, diabético, começa a sentir-se mal. Os “guardas” pensam ser isso um tipo de “desobediência” ou fingimento. Travis intervém e é repreendido. Barris não vê os grupos como “iguais”, afirmando a autoridade/superioridade dos “guardas” e a posição subordinada, inferior, dos “prisioneiros” (DETENÇÃO, 2010, 00:40:30 min).

Como Travis não recua na defesa do “prisioneiro” doente, Barris ameaça agredi-lo, mas como não pode, humilha Travis ao extremo: na calada da noite, prendem-no numa cadeira, amordaçam-no, raspam seu cabelo e, por fim, a maioria dos guardas urina em seu corpo e em seu rosto (DETENÇÃO, 2010, 00:47:31 min). Um dos “guardas”, que não concordou com a tortura psicológica, tenta ajudar o prisioneiro diabético à pedido de Travis. Enquanto isso, o prisioneiro homossexual é assediado novamente pelo “guarda” Chase, cuja compulsão sexual é cada vez mais flagrante. O “guarda” que tentou ajudar o prisioneiro diabético é agredido pelos outros “guardas”, por ter desobedecido, e transformado em “prisioneiro”. Travis é novamente torturado, sua cabeça sendo enfiada numa privada.

Travis continua a criticar as regras, sendo seguido pelos demais prisioneiros. Ele, olhando para uma câmera, pede desesperadamente para sair do experimento (DETENÇÃO, 2010, 01: 13:00 min), mas é impedido por Barris e por outros “guardas”. O prisioneiro diabético agride Barris que reage violentamente, deixando-o desmaiado em convulsão. Como novo castigo, Travis é isolado, trancafiado numa espécie de tubulação, um tipo de “solitária”. Barris e os guardas perdem todos os limites e agredem fisicamente os demais. Alguns guardas que discordam do que estava acontecendo tentam desistir, mas também são repreendidos por Barris, já degenerado pelo autoritarismo. Barris desespera-se com a ideia de que o experimento se encerre: o prêmio em dinheiro parece não importar mais. O que ele não quer é perder a posição de poder e autoridade que ocupa, bastante diferente de sua vida normal.

A abordagem “generalizante” das experiências históricas fascistas enfatiza a necessidade de compreender traços definidores do fascismo para além das características particulares que cada situação histórica apresenta. Certamente, isso não significa fechar os olhos àquelas particularidades, mas, sim, investigar as características e regularidades desse fenômeno político, manifestos em épocas e lugares distintos.

No cerne da abordagem generalizante, existiriam quatro formas possíveis de manifestação do fascismo como política de Estado. 1) o fascismo como uma “ditadura aberta da burguesia”, 2) o fascismo como “totalitarismo”; 3) o fascismo como “via para a modernização”; 4) o fascismo como “revolta da pequena burguesia” (STOPPINO, 1998, p. 469-472). Cada uma dessas formas de expressão relaciona-se, direta ou indiretamente, com as experiências históricas fascistas originais, na Itália e na Alemanha, adquirindo, pela própria dinâmica da história, outras características. Vejamos, em síntese, cada uma delas.

O fascismo como “ditadura burguesa” ocorreria quando, numa circunstância potencialmente transformadora/revolucionária, a burguesia sente a necessidade “[...] em face do agravamento das crises econômicas e da exacerbação do conflito de classes, de manter o seu domínio, intensificando a exploração das classes subalternas e, em primeiro lugar, da classe operária” (STOPPINO, 1998, p. 470). Desse modo, o grupo fascista se tornaria um instrumento político da burguesia, ainda que ambos mantenham relações controversas.

O fascismo como “totalitarismo” implica numa discussão de maior fôlego. Como nos diz Stoppino (1998, p.470), “o aspecto central dessa teoria, e ao mesmo tempo o mais criticado, é a subsunção sob uma mesma categoria, a do Estado totalitário, dos regimes fascistas e comunistas, com base em analogias existentes na estrutura e técnicas de gestão do poder político”. Robert Paxton (2007), no entanto, observa que:

Ver tanto a Hitler como a Stálin como totalitários e tratá-los da mesma forma leva a um exercício de julgamento moral comparativo: qual dos dois monstros foi mais monstruoso? Seriam as duas formas stalinistas de assassinatos em massa – experimentos econômicos temerários e perseguição paranóica de “inimigos” moralmente equivalentes às tentativas de Hitler de purificar a nação pelo extermínio dos medíocres e geneticamente impuros? [...] Stálin matava de maneira totalmente arbitrária a todos que sua mente paranóica decidisse ver como “inimigos de classe” (condição passível de mudança) [...] Hitler, ao contrário, matava “inimigos raciais”, uma condição irremediável que condena até mesmo recém-nascidos. Ele queria exterminar povos inteiros, incluindo suas sepulturas e artefatos culturais (PAXTON, 2007, p. 348-349).

É inegável o caráter autoritário dos regimes fascistas e comunistas totalitários, mas existem particularidades em cada regime que, para além das semelhanças, devem ser observadas. Con(fundir) os conceitos de “revolução”, “ditadura”, “fascismo” e “totalitarismo”, tal como se cada um desses conceitos fossem sinônimos, como se dissessem respeito a um único e mesmo fenômeno político-social, é não compreender adequadamente as circunstâncias históricas que tais conceitos, como ferramentas da reflexão, visam elucidar.

Podemos afirmar que uma revolução/ditadura pode adquirir traços “fascistas” ou “totalitários”, mas as experiências inerentes a um processo revolucionário são distintas dos modos como os regimes fascistas, sobretudo no caso alemão e italiano, alcançaram o poder. Se numa revolução há um processo de “tomada do poder” por setores exógenos ao governo/Estado, no caso do nazifascismo não houve, necessariamente, uma “tomada de poder”, mas uma “condução” a ele, dentro dos limites legais de seus sistemas políticos, o fascismo sendo implementado “legalmente”. Uma ditadura usurpa o poder através de um “golpe” de Estado (político e/ou militar) realizado por setores endógenos ao Estado/governo derrubado, diferindo, assim, do conceito de revolução, de fascismo e totalitarismo.

No domínio das interpretações que entendem o fascismo como “via para a modernização”, as configurações históricas, sociais, políticas e econômicas são vistas de outra forma: “Neste quadro, os regimes fascistas se configuram como uma das vias para a modernização – as outras historicamente identificadas são a liberal-burguesa e a comunista – fundada no compromisso entre o setor moderno e o tradicional” (STOPPINO, 1998, p. 472). Talvez seja possível apontar como exemplo desse caso os regimes de Vargas, no Brasil, e de outros governos populistas nas Américas Latina, Central e do Sul, sem jamais perder de vista que o conceito de “populismo”, por si só, já abre outro (e amplo) campo de discussões, tão complexo como no caso do fascismo. Dois estudos extremamente férteis que podem ser citados, próximos a todas essas questões, são as pesquisas de Leandro Konder (2002) e o livro organizado por Denise Rollemberg e Samantha Quadrat (2011).

Por fim, temos o campo interpretativo que compreende o fascismo como “revolta da pequena burguesia”. Nesse domínio, as discussões orbitam nas tentativas de compreensão das razões que levaram os estratos médios da sociedade (entre a elite e o operariado) a apoiar os regimes fascistas, seus pressupostos, grupos e líderes, sentindo-se representados por eles mais do que pelos partidos, grupos e líderes, seja da democracia social/liberal, seja das tendências mais à esquerda (anarquistas, socialistas e/ou comunistas). Stoppino aponta que:

Na década de [1930], após o sucesso do nazismo na Alemanha, o fascínio exercido pelos movimentos fascistas sobre a pequena burguesia tornou-se objeto de uma pesquisa que tendia a completar a explicação sócio-econômica com a análise psicossocial. As interrogações a que a abordagem psicossocial queria dar uma resposta eram deste tipo: porque é que a pequena burguesia, mais que qualquer outra classe, tinha aderido ao Fascismo de onde não podia provir nenhuma solução para a situação de crise? Que elementos da ideologia fascista tinham exercido sobre ela uma atração capaz de se tornar mais eficaz que qualquer consideração em termos

racionais sobre a finalidade do movimento fascista? [...] [Enfim, haveria uma] disposição de indivíduos, grupos e classes sociais a submeterem-se a relações de tipo autoritário? (STOPPINO, 1998, p.473)

As discussões acerca da emergência do fascismo como política de Estado, como visto nessas rápidas observações sumariadas nos parágrafos anteriores, nos dão uma pequena amostra das múltiplas possibilidades e abordagens teóricas, metodológicas e conceituais acerca desse fenômeno. Como temos tentado discutir, nosso enfoque reside na discussão de uma área de convergência e de intercessão, uma “zona nebulosa”, entre uma disposição autoritária, na personalidade de indivíduos ou grupos, e a aceitação de ideologias ou regimes potencialmente (ou marcadamente) fascistas e/ou autoritários.

Os estudos de Adorno e seus colaboradores na Universidade da Califórnia, em Berkeley, entre 1944-1947, constituídos por uma série de entrevistas e questionários baseados em algumas escalas, inclusive a chamada Escala F, (teste psicológico que visa mensurar inclinações preconceituosas/autoritárias/fascistas) aplicados para mais de 2 mil pessoas, resultaram num fértil cruzamento entre psicanálise/psicologia e sociologia. Stoppino (1998) diz:

A interpretação que Adorno e seus colaboradores deram da personalidade autoritária é profundamente psicanalítica. Uma relação hierárquica e opressiva entre pais e filhos cria no filho um comportamento intenso e profundamente ambivalente em relação à autoridade. De um lado, existe uma forte disposição para a submissão; por outro lado, poderosos impulsos hostis e agressivos. E a extraordinária energia dos impulsos contidos, enquanto contribui para tornar mais cega e absoluta a obediência à autoridade, é, em sua maior parte, dirigida para a agressão contra os débeis e inferiores. [...] O indivíduo, para salvar o próprio equilíbrio ameaçado em sua raiz pelos impulsos em conflito, se agarra a tudo quanto e força e energia e ataca tudo quanto é fraqueza (STOPPINO, 1998, p. 98).

Posturas autoritárias e fascistas, em que pese suas particularidades, compartilham alguns traços. A “Escala F”, empregada nas análises feitas em “A Personalidade Autoritária”, é constituída por nove eixos temáticos (ADORNO et al., 1965, p. 256-257) que procuram medir tendências antidemocráticas implícitas: “Convencionalismo” (adesão rígida aos valores da classe média/tradicional); “Submissão Autoritária” (associação do par temor-respeito às autoridades morais idealizadas); “Agressividade Autoritária” (tendência à atacar indivíduos/grupos que não comungam com os valores convencionais adotados); “antiintracepção” (oposição ao subjetivo e ao sentimental); “Superstição e Estereotipia” (crença na determinação sobrenatural do destino humano e na fácil aceitação de estereótipos); “Poder e “Dureza”” (preocupação com a relação domínio-submissão e valorização excessiva

da força); “Destrutividade e Cinismo” (hostilidade geral à humanidade); “Projetividade” (exteriorização de sentimentos inconscientes que são atribuídos/projetados no(s) Outro(s)) e “Sexo” (preocupação exagerada com práticas/costumes sexuais dos outros).

Cada questão presente na escala possui uma pontuação e estão relacionadas aos eixos temáticos sumariados acima. Ao término do questionário, a pontuação é calculada e quando ela apresenta alto grau de concordância com as questões perguntadas, pode-se traçar o perfil do potencial fascista do indivíduo. Algumas questões são: “Os homossexuais são apenas degenerados que deveriam receber castigo severo” ou “os homens podem ser divididos em duas classes definidas: os débeis e os fortes” (ADORNO et al., 1965, p. 256-257).

No filme “Detenção”, vemos como determinadas disposições presentes na personalidade de alguns dos personagens tornou mais fácil a aceitação de uma circunstância em que a autoridade rapidamente degenerou em autoritarismo e abuso de poder. Por exemplo, o personagem Chase, que dá indícios de compulsão sexual, quando os conflitos entre guardas e prisioneiros torna-se completamente aberto e agressivo, ocupa-se em assediar um dos prisioneiros que é homossexual (já assediado anteriormente). Em sua compulsão, chega a violentá-lo, ato que somente é interrompido quando Travis consegue escapar da tubulação onde era mantido preso. (DETENÇÃO, 2010, 01:20:20 min)

O experimento mal completa uma semana e os conflitos e a agressividade estavam plenamente manifestos. Travis, ao impedir o estupro do prisioneiro homossexual, começa a libertar todos com a chave que Chase possuía. Nix, um dos personagens do grupo dos “prisioneiros”, era um neonazi que já havia sido preso: ele meio que “previu” o que estava acontecendo. Nesse momento, sua ideologia política não importava: ele é libertado junto com os demais prisioneiros que buscavam a desforra contra os guardas, totalmente acuados.

O personagem Benji, que era o prisioneiro diabético, termina morrendo em razão da complicação da crise de diabetes e da agressão feita por Barris que, junto com os guardas que o apoiavam, não prestaram o devido socorro a ele. Os guardas, da sala de monitoramento, ficam apavorados ao perceberem pelas câmeras de segurança que todos os prisioneiros estavam sendo libertados. Diante da morte de Benji, até mesmo Travis, que se definia como pacifista, entrega-se cegamente ao desejo de vingança.

Podemos notar, nas ações dos personagens que esse filme representa, algo semelhante à prática banal do “mal”: por mais violentos que seus atos fossem, tanto física

quanto psicologicamente, a maioria dos “guardas” não se recriminava: viam-se plenamente justificados, pois apenas estavam tentando fazer com que as regras fossem respeitadas, independentemente dos meios empregados para que isso ocorresse. No filme, o critério para a punição é que ela fosse “proporcional” à falta cometida. Todavia, tais punições rapidamente se transformaram em abusos, humilhações, agressões físicas e violência sexual. Ainda que se possa apontar alguns pontos fracos nos estudos desenvolvidos por Theodor Adorno acerca do tipo antropológico autoritário, Stéphane Haber (2014) afirma que:

Do ponto de vista psicológico, os indivíduos desse tipo se caracterizam por sua rigidez não comunicacional para com o outro, pela frustração e falta de distanciamento crítico em relação a si mesmo, pela frieza nas relações interpessoais e pela dureza da partilha que instauram entre “os nossos”, constituídos no modelo da família, e os outros, os estrangeiros. [...] o indivíduo elabora, por exemplo, racionalizações morais (a busca da responsabilidade dos males do presente, o desejo de “educar” as minorias) que mascaram mal a influência de desejos punitivos puros e simples ou mesmo fantasmas purificadores mortíferos (HABER, 2014, p. 355).

Robert Paxton ressalta certa dificuldade em compreender o fenômeno do fascismo: “o fascismo não consistia nem da aplicação direta de seu programa nem de oportunismo desmedido” (PAXTON, 2007, p. 359). O fascismo/fascista apresenta-se como uma prática/sujeito paradoxal, inconstante, ambivalente, como se fosse dotado(a) de múltiplos polos que orbitam um “centro” mais denso, autoritário.

É curioso que mesmo com toda a gama de informações, testemunhos, registros e estudos que já foram feitos acerca do período nazifascista e sobre regimes totalitários, como o de Stálin, por exemplo, ainda haja tanta sedução por posturas autoritárias e (proto)fascistas no seio de sociedades civis que vivem em regimes democráticos. Uma reflexão bastante significativa sobre esse tema foi formulada pelo filósofo Umberto Eco:

[...] embora os regimes políticos possam ser derrubados e as ideologias criticadas e destituídas de sua legitimidade, por trás de um regime e de sua ideologia há sempre um modo de pensar e de sentir, uma série de hábitos culturais, uma nebulosa de instintos obscuros e de pulsões insondáveis. Há, então, outro fantasma que ronda a Europa (para não falar de outras partes do mundo)? (ECO, 2002, p. 34).

Seria esse fantasma a nos assombrar o fascínio e a sedução de posturas fascistas e autoritárias? Na análise desse espectro fantasmagórico, Umberto Eco conjectura ainda: “[...] considero possível indicar uma lista de características típicas daquilo que eu gostaria de chamar de “Ur-Fascismo”, ou “fascismo eterno” (ECO, 2002, p. 42). Tal lista, em síntese, é composta por: 1) o “*culto da tradição*”: este, por “sincretismo”, aglutina contradições, num

misto conveniente de fé no mito e na ciência; 2) a “*recusa da modernidade*”: louva-se os progressos científicos, mas critica-se sua superficialidade, idealizando o passado, o “sangue” e a “terra”; 3) o “*culto da ação pela ação*”: a valorização extrema da “prática”, da “ação” e a suspeita/desvalorização de todo trabalho teórico, intelectual ou cultural, tidos como inferiores;

Vemos em 4) a rejeição do “*desacordo*” em favor de um consenso imposto: “Na cultura moderna, a comunidade científica percebe o desacordo como instrumento de avanço dos conhecimentos. Para o Ur-Fascismo, o “*desacordo é traição*” (ECO, 2002, p. 45); 5) a adoção do “racismo” e, por extensão, da xenofobia; 6) O “*apelo às classes médias frustradas*”, em crise econômica ou desvalorização social; 7) A valorização do “*Nacionalismo*” como substituto de uma identidade em falta ou enfraquecida e a obsessão pela ideia de “complô”, organizado por inimigos internos/externos; 8) a ambivalência de criticar e invejar aquilo que o “inimigo” possui e que o fascista não tem;

Observamos ainda: 9) o ideal de “*vida para a luta*”, antipacifista, pois “...o pacifismo é conluio com o inimigo” (ECO, 2002, p. 47); 10) um “elitismo” reacionário e o desprezo pelos mais fracos; 11) um ideal de “*herói*”, encarnado no líder visto como modelo a ser imitado; 12) o reforço do “*machismo*” e a depreciação do gênero feminino/homossexual; 13) um “populismo qualitativo”, demagógico, um tipo de “elitismo popular”, pois quem obedece o líder/grupo participaria de uma “elite”; Por fim, 14) o uso de uma “neolíngua”, pouco expressiva, defensora de uma comunicação empobrecida, limitada, tanto no seu conteúdo, quanto em sua forma. Umberto Eco rubrica: “O Ur-Fascismo pode voltar sob as vestes mais inocentes. Nosso dever é desmascará-lo e apontar o indicador para cada uma de suas novas formas – a cada dia, em cada lugar do mundo” (ECO, 2002, p. 52).

No término do filme, os guardas, que sempre foram minoria, estão aterrorizados: apenas algumas portas os separam dos prisioneiros libertos e furiosos. Barris ainda acredita que os coordenadores do experimento iriam impedir novas agressões e que os prisioneiros voltariam a obedecer, reconhecendo a autoridade dele (e dos guardas) e a própria subalternidade/inferioridade. Com a invasão da sala de monitoramento, os guardas correm para salvar suas vidas. Barris tenta, numa última cartada, pedir que todos lutassem contra os prisioneiros, que defendessem aquilo que era “o mundo deles” (DETENÇÃO, 2010, 01:23:00 min). Uma verdadeira batalha ocorre. Barris esfaqueia a mão Travis durante a luta e, na iminência de mais uma morte, a luz vermelha se acende, encerrando o experimento.

Os portões da instalação onde tudo ocorreu se abrem. Nenhum responsável pelo experimento aparece para dar alguma resposta ou satisfação. O mesmo ônibus que os trouxe, vem buscá-los. Agressores e agredidos, Barris e Travis, sentam-se quase que lado a lado, com os cheques em mãos e os corpos feridos. Pareciam soldados derrotados e prisioneiros de guerra libertos, voltando para casa após o término do conflito. Sentiam-se, talvez, como muitos que apoiaram regimes nazifascistas e ditatoriais após a queda destes, encarando o olhar e a presença daqueles que foram suas vítimas.

Dentro do ônibus em movimento, Nix pergunta à Travis: “Ainda acha que somos mais evoluídos que os macacos na cadeia evolucionária?” ao que Travis responde: “Acho. Ainda podemos fazer alguma coisa a respeito” (DETENÇÃO, 2010, 01:29:00 min). Por fim, os sobreviventes, principalmente os prisioneiros, aparecem na TV, para denunciar todos os abusos ocorridos e sugerem que tentarão localizar os responsáveis pelo experimento, para que estes possam pagar pelo crime que orquestraram. No entanto, quem devemos responsabilizar: os organizadores do experimento ou a violência latente em cada um de nós?

Considerações Finais

Ao término desse trabalho, podemos avaliar alguns resultados, sem perder de vista os limites de nossa discussão. A partir da análise de dois filmes, baseados em fatos reais (nas experiências comportamentais de Ron Jones e Philip Zimbardo), juntamente com o diálogo com filósofos, cientistas políticos, historiadores e psicólogos, pudemos ver a complexa trama que envolve regimes/práticas (proto)fascistas e o apoio/aceitação de indivíduos ou grupos, dotados com uma predisposição autoritária ou moldados/encorajados para adquiri-la.

Longe de defendermos qualquer tipo de determinismo, para afirmar, p.ex., que os nazifascistas não tinham outra escolha a não ser se tornarem o que se tornaram, acreditamos que o termo “psicossocial” indica bem a área fronteira entre o surgimento de uma personalidade autoritária e o apoio a um indivíduo, grupo ou ideologia também autoritária. Se os estudos derivados da Escola de Frankfurt, entre os quais a pesquisa de Adorno e seus colaboradores, apresentam deficiências, cabe superá-las e, tal como sugeriu Umberto Eco, continuar tentando compreender, criticar e evitar fenômenos autoritários, fascistas, totalitários ou fundamentalistas/extremistas, cuja existência histórica já causou danos indelévels.

Ao analisarmos o filme “A Onda”, tentamos mostrar como os elementos “estéticos” próximos ao fascismo podem fascinar as pessoas, haja vista que termos ou imperativos como

“manter a ordem”, garantir a “disciplina”, a “obediência”, ou respeitar a “autoridade”, por exemplo, possuem uma carga semântica muito “positiva”. Devemos, contudo, questionar: qual tipo de ordem? A que custo ou através de que meios essa obediência deve ser mantida? Quem se beneficia dessa disciplina ou obediência e para que fins ela serve?

Na discussão do filme “Detenção”, vimos a emergência de elementos autoritários próximos ao fascismo. É certo que há distâncias entre ambos. No entanto, as áreas de contato devem ser criticadas e não subestimadas. Os personagens que representavam os “guardas” desejavam manter a ordem, as regras, a disciplina, exigindo respeito à autoridade. Contudo, isso só foi feito à custa da integridade física/psicológica dos outros.

Torna-se necessário sempre compreender que autoridade não se confunde com autoritarismo, que ordem e disciplina não significam abusos, humilhações e exclusão e que respeito não se confunde com temor. Como já foi dito numa música, “o fascismo é fascinante e deixa a gente ignorante e fascinada”. Devemos tentar evitá-lo, assim como todas as outras formas de poder associadas ao autoritarismo, independente de qual seja a bandeira. Por fim, na conclusão desse trabalho, esperamos ter contribuído no esclarecimento de algumas questões (teóricas, metodológicas ou conceituais) e na proposição de outras.

Referências

A ONDA (DIE WELLE). Direção: Dennis Gansel. Ratpack Production. Alemanha. 2008. DVD. 01:47:00 min.

ADORNO, Theodor; BRUNSWICK-FRENKEL, Else; LEVINSON, Daniel J.; SANFORD, R. Nevitt. *La Personalidad Autoritaria*. Buenos Aires. Editorial Proyección, 1965.

ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 1989.

_____, *Eichmann em Jerusalém: Um Relato Sobre a Banalidade do Mal*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2011.

CARONE, Iray. A Personalidade Autoritária: Estudos Frankfurtianos Sobre o Fascismo. *Revista Sociologia em Rede*, Goiás, GO, v. 2, n 2, 2012, p. 14-21. Disponível em <<http://redelp.net/revistas/index.php/rsr/article/view/2carone2/9>>. Acesso: Dezembro 2015.

DETENÇÃO (The Experiment). Direção: Paul Scheuring. Alliance Cinema. Estados Unidos. 2010. DVD. 01:36:00 min.

ECO, Umberto. O Fascismo Eterno In: *Cinco Escritos Morais*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

FERRO, Marc. *Cinema e História*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.

GOMIDE, Ana Paula de Ávila; MACIEL, Ruth Marques; O Legado da Pesquisa The Authoritarian Personality Para o Campo da Psicologia Social. *Perspectivas em Psicologia*. Uberlândia, MG, v. 19, n. 1, p. 196-216, jan/jun 2015. Disponível em <<http://www.seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/30854/16836>>. Acesso: setembro 2015.

HABER, Stéphane. Patologias da Autoridade: Alguns Aspectos da Noção de “Personalidade Autoritária” na Escola de Frankfurt. In: Princípios – *Revista de Filosofia*, Natal, RN, v. 21, n. 36, p. 337-360, jul/dez. 2014. <<http://www.periodicos.ufrn.br/principios/article/view/6771/pdf>>. Acesso: janeiro 2015.

KONDER, Leandro. *Introdução ao Fascismo*. São Paulo. Expressão Popular Editora, 2002.

LENHARO, Alcir. *Nazismo: “O Triunfo da Vontade”*. São Paulo/SP: Editora Ática, 2003.

PAXTON, Robert. *Anatomia do Fascismo*. São Paulo: Editora Paz & Terra, 2007.

ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha. *A Construção Social dos Regimes Autoritários: Brasil e América Latina*. Rio de Janeiro, 2011.

SACCOMANI, Edda. Fascismo. In: BOBBIO, Norberto (Org.). *Dicionário de Política*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998, p. 466-475.

SONTAG, Susan. *Sob o Signo de Saturno*. São Paulo: L&PM Editores, 1986.

STOPPINO, Mario. Autoritarismo. In: BOBBIO, Norberto (Org.). *Dicionário de Política*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998, p. 93-104.

_____. Ditadura. In: BOBBIO, Norberto (Org.). *Dicionário de Política*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998, p. 368-379.